

E OS DISCURSOS ESSENCIALISTAS, AFINAL, NÃO SÃO UMA MODA?

Lino Gabriel Nascimento dos Santos

Doutorando do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, nsantos.lg@gmail.com.

Guilherme Calixto Vicente

Bacharel em Administração Pública (FGV-EAESP), Mestrando do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, guilherme.calixto587@gmail.com.

Resumo

Qual a importância da moda para os movimentos LGBTQIA+? Como as roupas, os corpos, seus movimentos e estruturas orgânicas são afetadas (SPIVAK, 2010) pelas modas? Como documento histórico, a moda permite que discursos essencialistas se desvelem. Até o início do Séc XX (PAOLETTI, 2012) o rosa seria considerado uma cor forte demais para meninas, enquanto o azul demonstrava-se passivo demais aos meninos. Também, a clássica imagem de Luís XIV, rei da França do século XVII e símbolo de masculinidade da época com seus sapatos de salto, pó de arroz, perucas e babados demonstra que, hoje, os sentidos atribuídos a esses símbolos foram invertidos. A partir do conceito de escrevivência (EVARISTO, 2020) buscamos apontar (i) de que maneira pessoas, suas atividades, andares e roupas criam repertórios e documentos históricos que são alvo de campos de disputa e apagamentos; (ii) como a roupa e a moda são também estratégias de poder e parte de um campo disciplinar (FOUCAULT, 1984); e (iii) os impactos das modas nas ciências, tecnologias e corpos trans e não trans. O objetivo geral deste trabalho versa sobre o impacto das estéticas hegemônicas sobre os corpos e as identidades marginalizadas. Este trabalho justifica-se uma vez que a partir do discurso do corpo biológico

apagam-se a construção histórica deste por via de uma estética elaborada para manter posições de poder. A metodologia empregada se debruça na análise antropológica a partir das redes sócio-técnicas (LATOUR, 2012) e nos estudos de gênero, raça, sexualidades e decolonialidade.

Palavras-chave: Gênero; Moda Dissidente; Raça, Ciência e Tecnologia; Decolonialidade.

Introdução

A escrita deste texto é realizada por duas pessoas transmasculinas, um boyceta e uma pessoa transmasculina não binária. Esse local de fala pode apontar para um lugar da ‘experiência’ narrativa. No entanto, não basta que a experiência legitime autoridades, uma vez que, em última instância todas as pessoas têm experiência (SCOTT, 1999). Todas as socialidades estão permeadas de experiências. Mas, este enquadre deve ser trazido à baila para possibilitar determinados entendimentos de quem lê este texto, e sobre seu con-texto.

Na nossa experiência - e na experiência de muitas pessoas LGBTI+ - fica evidente como as vestimentas são ferramentas de construção de identidades de gênero e sexualidades. Criados em uma sociedade binária, nós (autores deste texto) recebemos uma designação feminina em nosso nascimento. E essa marcação, realizada a partir das estéticas dos nossos corpos, impulsionaram que, não só nossas parentalidades, mas a sociedade ao nosso redor, criassem expectativas sobre toda nossa trajetória de vida: as roupas que deveríamos usar (ou não usar), as partes que deveríamos mostrar (ou esconder), como deveríamos andar, sentar, comer, quais atividades deveríamos aprender, quem e como devemos amar, etc.

Ao abrir mão da marcação de mulheridade para uma outra marcação, circunscrita no campo das trans/masculinidades, outras expectativas são criadas. Não devemos mais cruzar as pernas ao sentar, não devemos mais rebolar ao andar, nem pintar as unhas ou os lábios, mas manter os cabelos curtos e também alguma sobriedade. Assim, a marcação de “não binariedade” de um dos autores pode ser reafirmada justamente pelo desprezo a essas normas. A metodologia empregada é de revisão bibliográfica e se debruça particularmente sobre os estudos de gênero (teorias queer, cúir, do cu, do feminismo negro), das teorias da performatividade, e das perspectivas trans, contra e decoloniais. A partir do conceito de escrevivência (EVARISTO, 2020) questionamos: Qual a importância da moda para os movimentos LGBTQIA+? Como as roupas, os corpos, seus movimentos e estruturas orgânicas são afetadas (SPIVAK, 2010) pelas modas?

Essas perguntas servirão de guia para provocar uma discussão que tem como objetivo geral refletir sobre o impacto das estéticas hegemônicas (e, conseqüentemente, da moda) sobre os corpos e as

identidades marginalizadas. Os objetivos específicos servirão como subcapítulos que, de forma sintética, irão dividir e discutir (i) de que maneira pessoas, suas atividades, andares e roupas criam repertórios e documentos históricos e que são alvo de campos de disputa e de apagamentos; (ii) como a roupas e a modas são também estratégias de poder e parte de um campo disciplinar (FOUCAULT, 1984); e por fim (iii) os impactos das modas nas ciências, tecnologias em corpos trans e não trans. Afirmamos que, de forma sintética, todos os aspectos aparecem e se misturam em cada um deles.

Uma das clássicas narrativas da história da Moda ocidental aponta, como documento histórico, o evento que acontecia até o início do Séc XX (PAOLETTI, 2012) em que a cor rosa seria considerada uma cor forte demais para meninas, enquanto o azul demonstrava-se passivo demais aos meninos. Outra imagem histórica do Ocidente aponta Luís XIV, rei da França do século XVII e símbolo de masculinidade da época, como se vê na imagem abaixo, com sapatos de salto, meia calça, pó de arroz, perucas e babados que, assim como as cores rosa e azul, hoje, têm sentidos novos.



(RIGAUD, 1701-1702)

A importância deste trabalho justifica-se uma vez que, a partir de um repertório mais ampliado sobre os arquivos de gênero gerados a partir das roupas, estéticas e suas modas, podemos criar um reencaixe (SANT'ANNA, 2010) sobre as maneiras com as quais essas normas foram geradas ou forjadas e a que servem, o que permite que discursos essencialistas sejam desvelados. A partir do discurso do corpo “biológico” apagam-se as construções históricas deste por via de uma estética elaborada para manter determinadas posições e categorias. A partir disso, queremos apontar a moda como um importante dispositivo de associações, de narrativas e, conseqüentemente, de poder.

Essa pesquisa aponta como um de seus principais resultados a importância que tem a moda na construção das ciências, sejam elas sociais, biológicas e/ou tecnológicas. Thomas Kuhn (1989) aponta acerca dos paradigmas que um antigo seja abandonado em favor de um novo, que será adotado por pares e repassado adiante, em busca de novos seguidores. Dialogando com Sam Bourcier (2021), entende-se que essas escolhas de paradigma nem sempre dizem respeito à uma melhor tecnologia, mas sim às redes conectivas que permitem um destaque a determinada ideia. Assim, a noção de moda, no sentido estatístico, evita a variedade de perspectivas, criando uma que seja aceita, que “pegue”. Nesse caso, estamos usando dois conceitos estatísticos porque a média junto com a moda evitam “desvios”. As médias e as modas deixam de fora justamente as “anormalidades”. Em síntese, a moda europeia com sua prática higienista criou e estigmatizou corpos, e produziu dismorfias performativo-corporais pelas colonialidades. Chamou critérios estéticos de científicos e ainda não admite as influências da moda em seu sistema.

Metodologia

O trabalho tem como metodologia o levantamento de fontes bibliográficas e a análise daquilo que é/foi considerado como moda, roupa e/ou vestuário masculino e feminino a partir do Ocidente colonialista. Utilizamos um referencial teórico multidisciplinar, pautados sobretudo em teorias antropológicas, filosóficas, históricas e da moda. A começar pelo transfeminismo, temos que:

se o pessoal é político e se as dimensões pública e privada se confundem, politizar a gama de relações de poder antes reguladas pela retórica da privacidade

faz parte da política radical feminista. Se o gênero é uma gama de construções performáticas cotidianas, o ato de constituir-se como sujeito gendrado é uma ação política repleta de significados (CARVALHO, Natália, p. 85, 2015.)

Nosso objeto de análise - a moda - integra esse leque de coisas cotidianas que estão mergulhadas em política e que são vistas como algo da esfera privada, ainda que tenha fortes reverberações na esfera pública. Além disso, partindo do entendimento que ‘el género ha sido una imposición colonial’ (CURIEL, 2018), entendemos a moda também como parte desse movimento maior que é a colonização.

Outro diálogo proposto é com a noção de arquivo. Para *Bourcier* (2021), estamos arquivados desde os primeiros até nossos últimos dias - por diferentes tipos órgãos (médicos, jurídicos, administrativos, policiais, etc) - para depois sermos tratados como arquivos por pessoas que pesquisam, sendo, portanto: “a função administrativa do arquivo é primária, mas esquecemos disso” (BOURCIER, 2021). O que seria a moda senão um tipo de gênero textual que é socio-histórico-técnico e culturalmente decodificado, de forma a gerar uma espécie de arquivo sobre determinada sociedade em determinado período? Pensando nisso, traçamos um paralelo com a noção de escrevivência (EVARISTO, 2020), que diz sobre a escrita de si, no contexto de minorias sociais, mais especificamente o de mulheres negras brasileiras, como forma de escrever sobre o cotidiano e as vivências que atravessam esse/s grupo/s.

Outra perspectiva que nos interessa são as “redes sócio-técnicas” e “pós humanas” forjadas por Bruno Latour (2012), Donna Haraway (2008), mas também por Geni Longui Nuñez, Ailton Krenak (2011), Davi Kopenawa (2015) entre outras autorias que consideram agências e redes entre actantes humanos e não humanos. Nesse caso, as roupas podem ser consideradas um dos nós de uma rede sócio técnica que percebe as modas como redes em si mesmas com extensões diversas.

Referencial teórico

O único trabalho publicado acerca da moda como elemento colonial é de Heloísa Santos (2020). De maneira muito parecida com um dos autores deste texto, Lino Gabriel Nascimento dos Santos (2019), os dois Santos, apontam para a moda como construtor de civilidade e

impositor colonial a outras populações, como as africanas e as ameríndias. No entanto, Heloísa Santos trabalha a moda como uma área de conhecimento.

Aqui, pretendemos pensar a moda como um dispositivo performático (**NASCIMENTO DOS SANTOS**, 2019). Iniciamos com uma discussão sobre o que fazem as roupas. Quais conexões elas podem gerar e como a moda não começa (nem acaba) nas roupas, mas se espalha pelos modos, tecnologias e saberes. Posteriormente colocaremos as roupas no centro do debate com o corpo. Nesse aspecto, propomos um diálogo entre gênero, raça, moda e ciência.

Por fim, poderemos ver desvelarem-se verdades biológicas que só puderam forjar-se como realidade a partir da crença coletiva de uma maioria, em um determinado grupo, do que é e como é a “normalidade”. A moda dos gêneros cria uma verdade biológica dos genitais. A moda europeia cria o modelo do corpo humano. Esse modelo é generificado e racializado de acordo com suas próprias categorias, excluindo tudo que fugia à sua própria moda. Vejamos.

A moda são roupas? O que fazem as roupas? Se tomarmos as modas em seu conteúdo polissêmico podemos fazer rapidamente duas inferências sobre seus usos. Uma diz mais propriamente as roupas e acessórios, indumentárias e acoplamentos (**NASCIMENTO DOS SANTOS**, 2019) ou apetrechos (STRATHERN, 2019[1996]) enquanto a segunda designa os modos que correspondem à um determinado grupo como quando dizemos “à moda italiana” ou “sair à (moda) francesa”. As modas, a partir de suas materialidades técnicas - as roupas - vistas como mais do que um apêndice, mas como objetos técnicos, apontam para este conteúdo como um dispositivo político que age na sociedade. Tais objetos técnicos definem atores e espaços (AKRICH, 2013[2010]).

Não é possível acessar o espaço público sem portar uma roupa. Essa afirmação aponta para o fato de que “objetos” são poderosos (AKRICH, 2013[2010]), atuam e redefinem diferentes agentes (SEGATA; RIFIOTIS, p. 17, 2016). Mas, mais do que isso, aponta para uma legislação que corresponde a um determinado valor do corpo para um determinado grupo social. As roupas, ainda que usadas por diferentes grupos sociais, nem sempre carregaram valores pudicos. As que acobertam genitais têm uma localidade muito específica advinda de valores religiosos específicos. Esses mesmos valores inventaram as raças (GUIMARÃES, 1999) e os sexos (LAQUEUR, 2001).

É neste aspecto que recorremos ao valor fundamental da estética no que tange aos registros científicos e suas modas para fundamentá-los. As modas afetam as narrativas históricas, criam éticas representadas de maneiras estéticas e hegemônicas. Desta forma, propomos que utilizemos um conceito de moda que não diz respeito somente às roupas, mas resgatando uma proposta de matemática estatística que afirma que “A moda é definida como a realização mais frequente do conjunto de valores observados” (BUSSAB; MORETTIN, p. 35, 2010).

Propomos, portanto, que a discussão acerca de gênero e raça aqui colocada seja também uma discussão sobre moda. Mais do que isso, colocar a moda europeia numa relação consigo mesma. Se a colonialidade dos gêneros (LUGONES, 2008), da mente (FANON, 1983) e do corpo (SANTOS, 2020) são uma realidade da modernidade, apontamos que sua construção está marcada na história do Ocidente. Se tal qual se exige da população negra e indígena que resgate sua história, o Ocidente deve apontar para sua própria história de gênero e raça. Se exigíssemos coerência estética de europeus, assim como é exigido que indígenas usem roupas tradicionais hoje para provarem-se legítimos, viveríamos em um desfile de homens cis hétero com saltos altos, maquiagens e meias calças.

Isso nos leva ao segundo ponto. **Roupas e modas não apenas são alvos de disputa como também são formas de se posicionar** em disputas que já estão postas. Acatar ou transgredir as estéticas de gênero e raça são uma forma de tecnobiogoverno de si (BUTURI JR, 2021). O movimento Black Power, que utiliza dos cabelos crespos como símbolo na luta antiracista é um exemplo de movimento estético que faz conexões e produz redes. Depois deste movimento surgiram outros tantos que produzem festas, marchas, ativismo, intelectualidade, sociabilidades e se produzem enquanto artefato, documento e repertório.

Assim, aqui, vamos pensar moda como arquivo e como performance. Partindo da discussão feita por Sam Bourcier (2021) sobre políticas de arquivo e de arquivamento e fazendo uma interlocução com a noção que Judith Butler traz de gênero como um texto, podemos entender que a moda também é um tipo de arquivo performático (BOURCIER, 2021). Para tal, precisamos entender que ‘a performance, no sentido mais amplo do termo, é um meio de transmissão da memória e da cultura’ (BOURCIER, 2021). Para as corporalidades que

desobedecem as normas de gênero e sexualidade, é nítida a relação da moda como algo que incorpora, no sentido de adicionar ao corpo, memória, cultura e identidade, já que é principalmente através dos acoplamentos e maneirismos que determinados corpos são socialmente tornados dissidentes.

Com isso, partimos para o entendimento de que essa performance integra um repertório imagético e, desta forma, acaba por tornar-se também um arquivo que inscreve não apenas determinados padrões de roupa e corporalidade, mas também subjetividades e, portanto, inscreve formas de vida. Se Bourcier diz que ‘arquivar é governar’, podemos entender que fazer modas também é governar, já que a produção de si, de roupas e acessórios está intimamente relacionada com a biopolítica.

Nesse sentido, a (res)significação de peças e adornos é uma forma de escrevivência, pois é uma forma de LGBTI+s inscreverem seus corpos e subjetividades no presente, e portanto, no futuro e também no ‘futuro anterior’ (BOURCIER, 2021). É uma forma de escrever sobre si na sociedade, trazendo para a esfera pública a enunciação de identidades sexuais e de gênero diversas sem que sejam necessárias maiores apresentações: deixa-se entendido, em alto e bom tom, que se é boyceta, travesti, bixa, sapatona, etc. Assim, afasta-se do âmbito da vergonha e do medo, que persistem como verdadeiros fantasmas desde a tenra infância, e afirma-se quem se é em tom de orgulho, beleza e, porque não, afronta à padronização cisgênera e heterossexual dos corpos.

Essa postura é uma forma de fazer política em âmbito macro e micro - macro porque as roupas e modas são uma rede econômico-política que mantém a cisgeneridade e heterossexualidade compulsórias, mas também micro devido ao aspecto subjetivo que afirmar-se enquanto LGBTI+ carrega em uma sociedade cis-hétero-endoterrorista.

Buscamos até aqui e vamos aprofundar agora o caráter constitutivo e des/montar o caráter inquestionável e imutável das supostas verdades entendidas como ‘biológicas’ ou ‘naturais’ (KHUN, 1987; LATOUR, 2012; HARAWAY, 2008). O corpo “do homem” e “da mulher” e a própria binariedade desta construção é produzida por meio de médias e modas. As pessoas intersexo tentam apontar para essa constituição. A maioria dos corpos são colocados como a normalidade e todas aquelas pessoas que não encontram-se nesta “moda” são eliminadas do conjunto a ser considerado cientificamente. O dado natural,

no confronto com uma pessoa intersexo, precisa ser, portanto, *construído*. Cirurgias e tecnologias biofarmacopornográficas são utilizadas para compensar o “erro natural”: a evidente não binariedade e monogamia da “natureza”. Este erro aponta ainda para a sua “culturalização”, o caráter *construído* do natural.

No entanto, pessoas endossexo cisgêneras também evidenciam para este caráter *construído* da feminilidade/masculinidade uma vez que sua construção deve ser permanente. Mas, o fato de haver pessoas trans é justamente o fato *inegociável* de que pessoas possuem possibilidades de manipular mais seus corpos do que é permitido legal ou socialmente. Uma dessas manipulações diz respeito às roupas, mas em geral, estas não estão sozinhas. Há um corpo vestido. A negociação do corpo biológico com as vestes e estéticas destes corpos não são dadas naturalmente, embora se busque afirmar como tal. O que marcaria uma pessoa transmasculina caso a masculinidade da moda fosse a de Luís XIV? Como seria a feminilidade? Isso não quer dizer que no séculos anteriores não haviam distinções entre sexos e gêneros nas sociedades ocidentais, mas que essas diferenças foram sendo produzidas concomitantemente - e localmente.

Mas as modas não acabam nas roupas, uma vez que elas estão no jogo do corpo que veste, fala, move. Laqueur (2001) aponta como os genitais serviram para a construção de gênero e no entanto, como a própria noção de genitais como metáfora para sexo é uma invenção moderna. Ou seja, de acordo com a moda colonial moderna, a partir da estética genital de uma criança ela será apropriada para realizar determinados modos, e modas. Esta produção da moda ocidental moderna marca e ignora todas as outras produções de corpo em outros lugares, mas também no seu próprio. Tomar a estética como ignóbil é interessante ao fim maior de um paradigma: desaparecer como posição e tornar-se uma verdade estabelecida.

Se, por outro lado, ignora-se a história da estética do Ocidente a fim de imaginar que as normas de gêneros e sexualidades denotam uma sociedade mais civilizada, está aqui, mais um motivo de ser este um assunto da moda. Tal qual para o projeto de modernidade, para a moda, deve se descartar o antigo e dar lugar ao mais novo. Assim, se estabelece o correto, o belo.

Resultados e discussão

Partindo do esquema de rede (LATOURE, 2012), aumentando o zoom na metáfora, as roupas podem ser vistas como um produto final “material” que têm, em si, um encadeamento de saberes, modos, cadeias industriais, agronegócio, bolsa de valores e mensagens implícitas. São actantes de gênero, raça, classe, profissão. E em uma transição de gênero se torna evidente o poder das roupas de significar o gênero e o corpo. Neste caso, se torna uma das tecnologias possíveis para a construção de gênero. Podemos ainda recorrer às ferramentas farmacobiocotecnológicas (PRECIADO, 2018), como o uso de hormônios que, novamente, desenharão características das estéticas de gênero: aumento de barba, musculatura, enrijecimento da voz (no caso das transmasculinidades).

Por fim, podemos recorrer a uma infinidade de tecnologias estético-corporais para simbolizar um gênero. Tanto mulheres cis quanto trans devem depilar as pernas e as axilas, caso contrário as suas leituras de feminilidades poderão estar comprometidas. Ainda podemos citar os cortes de cabelo (curto/comprido), tatuagens (desenhos brutos/delicados), posturas corporais, entre tantos outros.

Enquanto descrevemos os “modos de gênero”, no entanto, fica evidente que esses modos dizem respeito mais do que somente às roupas, mas a características binárias que simbolizam e significam gênero. Neste caso, a moda não diz respeito somente às roupas, mas a maneira como uma maioria das pessoas se comporta em um determinado conjunto, específico e recortado, ainda que artificial. Nas sociedades colonizadas, e partindo de uma ideia de uma “moda” civilizada - ou seja, um modo de vida moderno -, determinados comportamentos passaram a ser naturalizados como o comportamento “normais”, ao invés de “comuns”. Aquilo que estava distante de determinados modos e modas ditos civilizados passam a ocupar o lugar da abjeção. E a abjeção, por sua vez, passa a ser o oposto do corpo normal. O corpo passa a adquirir formas de “produto natural” que deve ser dominado e corrigido (FOUCAULT, 1984).

Nossa política se faz no corpo. Corpo que vive na iminência de ser abusado, espancado e morto por não ter modos - na moda - heterocisgêneros (BUTLER; TAYLOR, 2013). Portanto, essa experiência da vivência de diferentes gêneros em um só corpo dá a ver uma percepção

distinta de gênero: a de que todo gênero, cis ou trans, é construído por via de tecnologias de simbolização de gênero.

Considerações finais

Assim, podemos pensar que a moda não se restringe às roupas, mas também a como teorias essencialistas (ciências duras) estão embebidas em dispositivos performativos estéticos e estilísticos e dependem de uma rede que sustente a sua permanência e êxito. Com isso, chamamos atenção para a importância do resgate do valor das modas, roupas e acoplamentos como formas de se fazer política não só através do corpo mas também, e principalmente, por meio das ideias que constroem e movem o mundo, inclusive sobre as ideias de o que é e o que não é corpo, quem tem e quem não tem legitimidade, quem vive e quem morre.

Percebe-se que o esvaziamento da moda, o ato de tratá-la como algo tolo e fútil, é mais uma dentre as várias estratégias coloniais que edificam o nosso presente, evidenciando, também, que se trata de um privilégio branco, cisgênero, heterossexual e economicamente abastado. Portanto, entendemos a importância do resgate da potência criativa da moda, não só no que diz respeito ao vestuário, mas também nas formas de se pensar, como uma proposta circunscrita dentro do horizonte decolonial.

Agradecimentos

Nada é pensado, dito e feito isoladamente. É por isso que agradecemos o Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades - AFRODITE, o Núcleo de Estudos em Arte, Inovação, Moda e Design - NAIF, à Rede de Estudos Decoloniais em Moda - REDeM, ao grupo BOYSACADEMICUS, ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI/IFSC GASPARG, ao Grupo de Estudos em Oralidade e Performance - GESTO e também ao coletivo HACKERS DE GÊNERO pela troca de afetos e ideias.

Referências

AKRICH, M. **Como descrever os objetos técnicos?** Boletim Campineiro de Geografia, vol. 4(1):161-182. 2013

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**; São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BOURCIER, Sam. **As políticas do arquivo vivo**. In: IRINEU, Bruna A.; et. al. Políticas da vida: coproduções de saberes e resistências. Salvador: Devires, 2021.

BUTLER, Judith. TAYLOR, Sunaura. **Excerto: “Examined Life” Judith Butler & Sunaura Taylor**. Youtube. 14min 24s. s/d. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kasZiFURYpQ>> Último acesso em 14/04/2021. 2013.

BUTURI JR, “Xs Prepeirxs e o tecnobiogoverno de si”. Palestra. AFRODITE Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades. 2021

BUSSAB, Wilton De O; MORETTIN, Pedro A. **Estatística Básica**. In: Medidas-Resumo. 6. ed. – São Paulo : Saraiva. ISBN 978-85-02-08177-2. 2010.

BUTURI JR, Atílio. **“Xs Prepeirxs e o tecnobiogoverno de si”**. Apresentação. Encontro temático. Grupo de Estudos AFRODITE Laboratório Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades. 08/04/2021.

CARVALHO, Natália Silveira de. **Gênero e sexualidade: intersecções em disputa**. In: Transfeminismo: teorias e práticas / Jaqueline Gomes de Jesus ... [et al.] - 2º ed. Rio de Janeiro. Metanoia, 2015.

CURIEL, Ochy. **¿Qué es la decolonialidad? - Profesora Ochy Curiel**. Youtube. 1h 48min 28s. Disponível em: <https://youtu.be/2non_MMVXGc> Último acesso em 06/06/2021. 2018.

EVARISTO, Conceição. **CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrivivência**. Leituras Brasileiras. Youtube. 23min 17s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=193s>> Último acesso em: 16/04/2021. 2020.

FRANTZ, Fanon. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GOBI, Luciana; NUÑES, Geni Longui. **Não monogamia e a artesanaria dos afetos**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q-pk-yp2W4sw>> Último acesso em: 06/06/2021. 2021.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC Editora. 1988.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Raça e os estudos de relações raciais no Brasil**. Novos Estudos, n. 54. 1999.

HARAWAY, Donna. **When Species Meet**. University of Minnesota Press. 423 pp. ISBN 978--8166-5046. 2008.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 2. ed. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva. 1987.

KRENAK, Ailton. **Life, always**: Ailton Krenak at TEDxVilaMadá. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=38T5KoDiqoM>>. Acesso em: mai 2021. 2011.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. P.189-239 [cap.5]. 2001.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador. Bauru: Edufba, Edusc, 2012.

LUGONES, MARÍA. **Colonialidade e gênero**. Tabula Rasa [online], n-9. 2008.

PAOLETTI, Jo Barraclough. **Pink and blue: Telling the boys from the girls in America**. Indiana University Press, 2012.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIGAUD, Hyacinthe. **[Louis XIV, roi de France]** Pintura, óleo sobre a tela. 314 x 235 cm. Museu do Louvre. Disponível em:<http://collections.chateauversailles.fr/?permid=permobj_5e2731d9-e89d-4730-9cc6-1ffd80f6cf46#8047d524-6924-45e7-b0c5-f7ad27e352a3> Último acesso em 06/06/2021. 1701-1702.

SANTOS, Heloísa Helena de Oliveira. **Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos**. ModaPalavra, Florianópolis, V. 13, N. 28, p. 164–190, abr./jun. E-ISSN 1982-615x. 2020.

NASCIMENTO DOS SANTOS, Lino Gabriel. **“Não tinha espaço pra mim nessa história”: moda, raça e resistência no espaço escolar**. Dissertação de Mestrado. UFSC. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191265>>. Último acesso em: 06/06/2021. 2019.

NASCIMENTO DOS SANTOS, Lino Gabriel **A moda tá na moda?** A educação de Moda como dispositivo de gênero e racialidade. Colóquio de Moda. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=hS1uR_AStn4>. Último acesso em: jun 2021. 2020.

SCOTT, Joan W. **Experiência**. Falas de Gênero Organização de Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos Editora Mulheres, Santa Catarina. Pp. 21-55. 1999.

SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. (orgs). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, p. 21-66. 2018.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?**. Trad. Regina Goulart Almeida et al. Belo. Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.